

COMPLEXO É TER IDENTIDADE

A experiência do GatoMídia no Favelado 2.0

Natã Neves do Nascimento¹

Resumo: Este artigo pretende desvendar os conceitos, expressões identitárias e demais assuntos que influenciam os jovens do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, a se reconhecerem não apenas como jovens com um potencial, mas também como favelados. Este trabalho pretende refletir sobre o quanto estes jovens podem ser inspirados pelo que lhes interessa e por tudo o que os cercam, além de desmistificar o estereótipo do termo favelado. Neste sentido, a residência Favelado 2.0 - realizado por um coletivo localizado em uma favela no subúrbio carioca - mostrou-se uma ferramenta importante para nortear tais conceitos trabalhando em uma perspectiva relacional, enfatizando o local e a comunidade, assim como aspectos referentes à identidade e representação dos jovens participantes da residência. Com isso, foi percebido um reconhecimento por parte dos residentes, bem como uma mudança no olhar sobre si e sobre o seu lugar de moradia.

Palavras-chave: jovem, favela, identidade, *maker*, cultura.

O tema juventude tem ocupado nas últimas décadas um lugar de relevância sobre a preocupação de muitos indivíduos em sua inserção na vida adulta, pois atualmente em nossa sociedade as mudanças são constantes em relação à produção e reprodução da vida social. Hoje em dia a autonomia que o jovem tem em relação ao “mundo adulto” para estabelecer seus próprios conceitos de identidade e representação é completamente diferente comparado a alguns anos atrás. Assim, sua herança familiar pode se opor à capacidade de construção de um repertório cultural particular:

Hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente as instituições do denominado “mundo adulto”, para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um de construir seus próprios repertórios culturais (CARRANO, 2011, p. 7-8).

E não se dá apenas no âmbito familiar essa influência ou esse “despertar”, onde a escola é tida como lugar de reconhecimento de cidadão e preparação profissional para o universo adulto. Conectados ao mundo pela internet, integrando sites de

¹ Graduando no Curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense. E-mail: nataoneves@gmail.com.

relacionamentos, os jovens se movem em redes. Ao interagirem com o mundo virtual, acabam construindo um sentimento de autonomia, disputando sua identidade e as diversas formas de representação.

Através do avanço tecnológico, o telefone celular amplia suas funções, podendo ser usado para transmissão e recepção da voz, acessar internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir televisão, ouvir emissora de rádio, além de armazenamento de dados. Ao usar o celular, é possível assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo assim alguns paradigmas da comunicação.

Para analisar essas questões, escolhi um coletivo para fazer um estudo de caso. A atuação de coletivos, que será apresentada a seguir, dentro das favelas é por muitos considerada como a “voz da minoria”. Os coletivos contribuem para a organização e construção de uma rede para os jovens de diversos territórios. Há uma necessidade dessa articulação junto aos movimentos sociais, mídia e favela, criando novas leituras sobre as comunidades populares e afirmando a favela como um agente de produção cultural da cidade.

Coletivo GatoMídia

Na busca pelo que não é óbvio ou fácil, um coletivo veio ao meu encontro, durante um encontro de juventudes do Complexo do Alemão que aconteceu no ano de 2015. Conheci o coletivo GatoMídia e me chamou a atenção o tipo de trabalho que era desenvolvido, a proposta para a residência seria de imersão tecnológica e afirmação social do jovem que mora na favela e pode reproduzir seu olhar “de dentro para fora”. E mais do que trazer algo que não faz parte da realidade desses moradores, a experiência vivida durante as duas semanas do Favelado 2.0 pôde inseri-los em uma rede tecnológica na qual novas habilidades são desenvolvidas, e ao utilizá-las, os tornam seres pensantes a partir de sua rotina dentro da favela.

Busco através desse artigo ampliar a visão para o que está sendo desenvolvido dentro da favela, as produções precisam de espaço pois já tem utilizado a sua voz, que expressa uma mensagem, uma história, uma afirmação. A escolha de fazer parte da residência e ter a oportunidade de viver essa experiência única não apenas abriu caminho para desenvolver um trabalho acadêmico, mas ampliou um olhar de cidadão

que não desenvolve apenas uma crítica ao que ouviu durante a residência, porém expõe a importância de se conhecer e se afirmar sem medo de ser rotulado ou criticado, ser quem você é.

O coletivo é um espaço de deliberação coletiva. As reflexões suscitadas são ligadas as circunstâncias cotidianas, com limitações e potencialidades que os próprios moradores conhecem bem. A maioria dos assuntos discutidos está nas mentalidades, nas cabeças e nas bocas, dispensando maiores explicações de causa e efeito, produzindo reuniões nas quais a pauta é: e então, o que faremos?

Diante das particularidades que envolvem a favela, esse espaço muitas vezes precisou inventar sua forma de estar na cidade. Um exemplo disso são os tradicionais “gatos”, maneiras que os moradores desses lugares encontraram para utilizar desde serviços básicos, como água e luz, até serviços de necessidade contemporânea, como internet ou TV a cabo. Isso aponta esse território como um espaço de constante inventividade e criação de soluções para suas demandas, uma vez que esses serviços são oferecidos de maneira deficiente pelos órgãos competentes.

Ao entender o “gato” como uma forma não-tradicional de acesso a serviços, o GatoMídia propõe uma formação em conjunto nas ferramentas de mídia alternativas como por exemplo facebook, youtube, twitter e instagram. Nas quais é feita uma cobertura colaborativa e são dados “macetes” para potencializar esses recursos e gerar visibilidade para seu projeto, trabalho ou causa. É um projeto de convivência e aprendizado em mídia e tecnologia para jovens de espaços populares, que existe desde 2013 no complexo do alemão, tendo como objetivo estimular que jovens e negros possam produzir sua própria comunicação, rede e conexões. Possibilitando diferentes narrativas, visibilidade, oportunidades e ideias criativas coletivas que construa um mundo mais justo, igualitário e afetivo.

“GatoMídia é um projeto de formação em mídia e tecnologia para jovens de favela”. Essa é a definição dada sobre o coletivo em sua página no Facebook.² Esse tipo de inserção do jovem que mora na favela junto a tecnologia tem crescido consideravelmente nos últimos anos.

² Link para acesso a página do coletivo GatoMídia no Facebook.
<https://www.facebook.com/gatomidia/home>

Assim, no GatoMídia, durante os encontros os integrantes se reconheciam como favelados, sem a conotação pejorativa. Contrariamente, há uma perspectiva positiva. O favelado é um fazedor, um *make³r*. A gambiarra é a solução, o recurso, é inteligência aplicada em circunstâncias adversas. Esse ato criativo advém da necessidade.

Às vezes é preciso começar pelo óbvio. Um coletivo é mais que um. Certo, acho que até aí há consenso – por mais que um sujeito sozinho possa ser muitos. Entretanto, ao colocarmos assim, restam outras variáveis importantes. Um coletivo é mais que um e é aberto. Essa é uma primeira característica que evita que tratemos os coletivos como um grupo, como algo fechado; melhor seria dizer que um coletivo é antes um centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações. Ou seja, o coletivo é aberto e seria, assim, poroso em relação a outros coletivos, grupos e blocos de criação – comunidades (MIGLIORIN, 2012, p.308).

Thamyra de Araújo é a idealizadora do coletivo, além de jornalista e mestra em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense. Para ela pode se entender o ‘gato’ como uma forma não tradicional de acesso a serviços: “Gato Mídia é uma formação em conjunto das ferramentas de mídia alternativas: Facebook, Youtube, Twitter, Instagram, e macetes de como potencializar tais recursos para gerar visibilidade ao seu projeto, trabalho ou causa”.

Os jovens das periferias não querem somente o lugar daqueles que acessam a internet apenas para procurar cursos de formação e sub-empregos. Diferentemente disso, querem socializar, flertar, comprar... e assim, na pseudo-democracia da rede fazem surgir eventos como os chamados “rolezinhos”, transpondo para espaços físicos antes destinados as classes médias e alta (shoppings) seus desejos e práticas (FACINA; PASSOS, 2014, p.17).

O Complexo do Alemão e suas treze favelas principais, estão distribuídos por cinco bairros da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, muitos coletivos atuam diretamente no Complexo, tais como o Papo Reto⁴, Foto Clube do Alemão⁵ e o Instituto Raízes em Movimento⁶.

³ O conceito de maker surgiu nos Estados Unidos há alguns anos e vem ganhando força e espaço recentemente. A partir do que seria um DIY, que significa “Do it yourself”, ou “Faça você mesmo”, já existem várias publicações dedicadas aos interessados nesse tipo de empreendedorismo, e seus seguidores se encontram anualmente para discutir as novidades em eventos que reúnem milhões de pessoas ao redor do mundo, como a Maker Faire, a principal feira de DIY do planeta, que acontece na Califórnia.

⁴ O coletivo Papo Reto é um coletivo de comunicação independente composto por jovens moradores dos Complexos do Alemão e Penha. Tem como foco propagar notícias dentro do morro: eventos, protestos, reivindicações e também atua como um canal que mostra a realidade da Favela.

⁵ É um projeto de fotógrafos experientes com fotógrafos amadores do Complexo do Alemão com o objetivo de promover saídas fotográficas e ensinar fotografia às pessoas da comunidade.

⁶ O Instituto Raízes em Movimento tem como missão promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Complexo do Alemão e demais comunidades por meio da participação de atores locais como

No ano de 2015, o coletivo Gato Mídia pretendeu ampliar-se para outros territórios além do Complexo, como a Cidade de Deus, dentro do Circuito Favela Criativa⁷. Para Thamyra a visibilidade é um direito que gera outros direitos, por isso através das mídias alternativas se iniciaria um mecanismo de produtor de si mesmo e de uma militância ativa.

Na página do coletivo no Facebook, a sua descrição diz que se trata de um projeto de aprendizado e vivência em mídia e tecnologia para jovens de espaços populares. Esse tipo de coletivo promove o questionamento de todos os que se envolvem em seus projetos, com o intuito de promover a favela com o que é positivo, produtivo e cultural.

Favelado 2.0 - “GatoMídia é *Maker* de Favela”

Favelado 2.0 foi a residência oferecida pelo GatoMídia, onde 20 jovens foram selecionados para participarem de uma sequência de oficinas que envolviam, fotografia, criatividade, edição de vídeo, entre outros. Em março de 2016, se iniciou o programa de residência em mídia e tecnologia, com duração de 15 dias. A experiência de aprender mais sobre tecnologia não se deu apenas na teoria; o grupo foi incentivado a produzir algum material ligado a essas oficinas junto ao que lhe agrada, sendo feito de forma particular cada escolha.

Falar sobre uma experiência de residência, em primeira instância, significa habitar o lugar onde se desenvolverá um trabalho, em diálogo com os demais contextos propostos em suas atividades e integrantes que farão parte da residência a fim de produzir um trabalho singular e transformador. O coletivo GatoMídia visou promover uma formação qualificada para esta proposta de trabalho. Durante o processo, ocorreram oficinas de fanzine, fotografia, roteiro para programa, construção de texto, cobertura colaborativa, mídias sociais, além da participação no documentário sobre jovens inovadores do Brasil pela perspectiva da favela como um território fértil e inovador capaz de produzir soluções criativas para os problemas da cidade.

protagonistas desses processos, tendo como foco o fortalecimento e ampliação do capital social dessas comunidades.

⁷ É formado por um conjunto de projetos que oferece a jovens agentes culturais formação artística e especialização em gestão cultural e estabelece canais de diálogo entre eles, possíveis parceiros e patrocinadores potenciais.

Para a realização da residência Favelado 2.0, o coletivo GatoMídia levantou fundos através de uma campanha de financiamento colaborativo chamada “Todos pelo Alemão”, junto com outros sete projetos comunitários no Complexo do Alemão em dezembro de 2015, e recebeu verba do Common Action Forum de Madrid.

Mais de 200 moradores jovens de favelas se inscreveram para participar da residência. Foram selecionados 20 deles. Sendo metade das vagas oferecidas para moradores do Complexo do Alemão, onde a residência foi ministrada, e as outras vagas foram para moradores de favelas de toda a cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. A seleção final incluiu moradores do Complexo do Alemão, Maré, Jacarezinho, Cavalcante, Engenho da Rainha e Complexo da Penha, na Zona Norte; Cidade de Deus e Praça Seca na Zona Oeste; Santa Marta e Tabajaras, na Zona Sul; e São João de Meriti na Baixada Fluminense. Os participantes chegaram ao workshop com diferentes interesses, incluindo design gráfico, teatro, vídeo, jornalismo e grafite.

As oficinas foram ministradas por uma equipe de jovens de origem de favela, inseridos na cultura de rede e que desenvolvem projetos autorais em plataformas digitais. Entre os convidados estavam: João Lima, jornalista e foto documentarista; Lucas Pelegrineti, designer e animador; Mayara Donaria, Conselheira da Juventude do Rio de Janeiro; Marcelo Magano, ator e comediante; Raull Santiago, mídia ativista e integrante do Coletivo Papo Reto; Thamyra Araújo, jornalista e idealizadora do projeto GatoMÍDIA; Daiene Mendes, criadora do FaveLê; Enderson Araujo, criador do coletivo Mídia Periférica e membro do Conselho Curador da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Durante duas semanas esses jovens se reuniram no período da tarde, na Nave do Conhecimento⁸, localizado na Praça do Terço, na Nova Brasília, no Complexo do Alemão. O espaço não seria melhor, com uma grande quantidade de computadores disponível para os moradores acessarem, além de salas completamente equipadas com o que se tem de mais moderno em relação à tecnologia para oferecer cursos, com a missão de promover ações voltadas para o desenvolvimento humano e social que fomentem a

⁸ Inaugurada pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH), em 23 de dezembro de 2011, a Nave do Conhecimento atua com gestão do CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, promovendo atividades culturais e artísticas para públicos de todas as idades e cursos regulares de formação técnica e profissional nas novas tecnologias da informação e comunicação para jovens e adultos. <http://www.pracadoconhecimento.com.br/institucional/#sthash.mAsCiK6l.dpuf> Acesso em 22 de abril de 2016.

consciência crítica e contribuam para a efetivação de práticas transformativas da sociedade através da participação comunitária.

A proposta seria que cada um deles poderia ser um *maker* e que apesar dessa ideia de uma produção digital, era possível ampliar para a sua realidade na favela e não a limitando a uma única visão apresentada pela sociedade. O surgimento de um *maker* muitas vezes se dá a partir de uma gambiarra, uma solução imediata e muitas vezes improvisada, que é feita de forma criativa para resolver aquela situação naquele instante.

O Movimento Maker é uma extensão mais tecnológica e técnica da cultura Faça-Você-Mesmo (ou como os gringos dizem, DIY - Do-It-Yourself). A idéia é que pessoas comuns, como eu e você, podemos consertar, modificar e fabricar os mais diversos tipos de objetos e projetos com nossas próprias mãos. (Lemos, 2015)

Em uma direção totalmente oposta, mas mantendo a linha de fabricar, produzir e consertar através das habilidades e ferramentas que se tem a mão, o GatoMídia se apropria do conceito para aplicá-lo aos moradores do Alemão que precisam adaptar as suas rotinas através daquilo que eles possuem, resolvendo os problemas que surgem através de soluções locais.

Através dessa experiência durante a residência cada um teria a oportunidade de reformular os conceitos que são ditos fazendo uma atualização à realidade de cada um deles. Por meio dessas reformulações eles poderiam “hackear” para outras pessoas todo o conhecimento adquirido, essa atitude está completamente relacionada ao conhecimento compartilhado pelo fato de assim que você recebe uma informação ou aprende algo novo você compartilha isso para outras pessoas. E esse hacker compartilha o conhecimento de forma diferente e inovadora, atualizada de acordo com a realidade que se vive.

Isso é feito de uma forma diferente através de seus signos e linguagem, tornando maior a compreensão dos que recebem tais informações. “O conhecimento é coletivo e deve ser compartilhado, e todo mundo tem alguma coisa para ensinar”⁹. Essa fala se destaca pelo fato de nos encontros, ser constante a formação da roda, na qual não há uma hierarquia entre os residentes e aqueles que estão dando a oficina, há uma troca constante e o lugar de expor sua voz é aberto a todos. Esse tipo de experiência

⁹ Fala da Thamyra de Araújo em relato presente em vlog no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d48v1c7xHAW> Acesso em 01 de julho de 2016.

potencializa cada uma que participa de uma forma que eles se sentem à vontade para expor suas experiências e compartilhar todo o conhecimento adquirido.

Dentre os jovens selecionados, havia grafiteiro, designer gráfico, atores e youtuber.¹⁰ Todos eles puderam compartilhar seus projetos durante a oficina de cobertura colaborativa, estabelecendo redes entre pessoas com um olhar diferente a partir de suas experiências em suas comunidades e a partir dessa experiência, potencializá-los a buscar as ferramentas necessárias para a ampliação dos projetos.

Durante uma das oficinas foi proposto que cada grupo desenvolvesse um roteiro e fizesse um vídeo a partir das decisões coletivas. A forma como cada um se sente muitas vezes é distante do que é apresentado como importante pela sociedade, e isso influenciou no desenvolvimento do trabalho, no qual um grupo apresentou um vídeo sobre um “GambMake” uma união das palavras gambiarra e make fazendo referência à maquiagem, a proposta de apresentar um canal no Youtube¹¹ completamente avesso ao que as blogueiras apresentam, já que ao invés de usar maquiagens de grandes marcas, as meninas apresentavam bases, lápis de olho, rímel, sombras e outros produtos de beleza todos eles comprados por até R\$10,00 e que através dessas dicas as meninas poderiam ficar mais bonitas para irem ao baile ou a social na laje.

Apesar da proposta de trazer um conhecimento talvez desconhecido por parte do grupo, pude perceber que muitos que estavam participando da residência, tinham alguma experiência com as ferramentas apresentadas, porém nem todos a utilizavam como uma ferramenta a favor das suas comunidades. No entanto, os talentos quando eram separados em grupos, faziam surgir projetos inovadores e criativos a partir da singularidade de cada um e do que era formado através das ideias apresentadas. Essas propostas reforçam o fato de que todos são jovens criativos e que eles podem criar soluções para o dia-a-dia de forma inovadora e acessível.

A Identidade do Favelado 2.0

Luís Antônio Machado Silva no livro “*Cidade: história e desafios*” também chama atenção para a categoria de favelado ao analisar que apesar das lutas políticas e reivindicações dos movimentos sociais urbanos, propondo uma pauta de demandas

¹⁰ Youtuber atualmente são os jovens que se utilizam da ferramenta Youtube para promover seus vídeos.

¹¹ YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

visando melhores condições de vida nas favelas, esta organização ainda não foi suficiente para garantir um padrão de integração social urbano da favela à cidade de forma não subalternizada. A categoria social de “favelado” segundo o autor, surge como a expressão de um processo de constituição social, pautado na subordinação e por um grande diferencial de poder destes em relação a outros estratos sociais. Em relação a esse aspecto, destaco a descrição da residência publicada na página do coletivo:

FAVELADO 2.0

É a aquele garoto ou aquela garota que mora na favela ou periferia urbana e não tem Mac em casa, mas faz questão de ter um celular bacana da última moda Samsung ou Iphone. Ele já nasceu na época do wifi livre e adora fazer uma boquinha. O seu celular é extensão do seu corpo, carrega pra lá e pra cá. Faz selfie da festa na laje ou no quintal de casa, mas não deixa de filmar o conflito no beco. Nenhum acontecimento no seu território passa despercebido pelas lentes do seu android. Não é especialista em software ou aplicativos, mas é especialista na rataria. É só sair um aplicativo novo que já começa a testar. O favelado 2.0 faz da lan house seu lugar de pesquisa e sociabilidade, gosta de mostrar seu talento com a música, dança e moda com vídeos no youtube. Tem sua linguagem própria no facebook “noiz por noiz” gosta de usar a timeline como diário de sua visão de mundo. Faz evento no face só para encontrar com os amigos. Adora fazer meme de si e da galera. Tem os muros da favela como lugar de expressão e o click como espaço de verberação. Ele tem o seu celular como dispositivo afetivo e a viela como principal inspiração (Publicação feita na página do Facebook do coletivo Gatomídia. Acesso em 07 de julho de 2016).

Para o residente Kelson Succi, ele se torna um Favelado 2.0 quando acorda e se olha no espelho e resolve encarar a sociedade. Abre o armário repleto de roupas esquisitas, porém se tornam as suas armaduras para enfrentar a ignorância cotidiana. Quando as pessoas não entendem de onde ele sai e para onde ele irá. Há um grande desejo, do estímulo à produção de forças que potencializem o morador da favela como um protagonista de uma realidade que existe, que está além da estatística que se torna manchete na grande mídia, porém que não pode ser negada. E é a partir disso é que os jovens utilizam as redes para garantir os direitos de quem vive na favela, quando os direitos são ceifados por outras forças, principalmente do poder público.

Partindo do desejo dessas pessoas e olhando pelo lado da cultura *maker*, ela fala de construção, reparação e modificação de coisas em geral. Podendo envolver qualquer tipo de profissional, pois é um movimento bem mais abrangente do que normalmente pensamos. Nossa cultura da gambiarra e de criatividade para a solução de problemas do dia-a-dia, e também para superarmos os desafios que nos cercam a cada momento, tendem a despertar dentro de cada um o seu lado *maker*.

Através da ressignificação desse conceito para além da tecnologia, iniciaria uma valorização de cada fazedor, pois pensam em soluções alternativas às suas necessidades. Durante a pesquisa, pude ter contato com os diversos *makers* de favela e suas gambiarras, seja através do uso ao ar livre como barbearia se utilizando de um espelho que servia como porta de um armário para que o cliente possa observar o trabalho, do lava jato que não funciona em dias de chuva, pois o céu se encarrega de lavar os carros, ou se reinventar como uma senhora que conheci, que possuía um salão onde ela exercia a função de manicure, e após a desapropriação do terreno, sem emprego, seu marido cria um trailer pequeno, para que a esposa possa voltar a trabalhar, no mesmo ponto, junto as mesmas clientes de uma forma totalmente inovadora.

Além disto, durante as oficinas, algo que ficou muito evidente, foi o fato de que qualquer pessoa pode desenvolver as habilidades necessárias para se tornar um *maker*. Isto se dá durante o processo. Algo fundamental dessa cultura é a oportunidade de compartilhar seus projetos e seus conhecimentos para que outros possam aprender e se inspirar através deles.

Tais ações têm gerado interesse pelos jovens em compreender mais o assunto, pois é algo que não entra em conflito com os padrões culturais e as sociabilidades locais das favelas. E apesar da escassez de recursos presente nas favelas, a utilização da reciclagem dos objetos e sua ressignificação tem feito com que essa ideia de que a necessidade é o que gera o fazedor. Portanto, o desenvolvimento de suas práticas sociais e as experiências sociais cotidianas são influenciadas pelos condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais que entrelaçam toda dinâmica da vida social.

Considerações finais

O Complexo do Alemão é uma favela que por diversos motivos costuma ter grande visibilidade na mídia, sejam pelos episódios de conflito violento ou pelas situações classificadas como desordem social e urbana de forma genérica (habitação, “gatos” de luz, venda de mercadorias e comércios locais não registrados oficialmente). No entanto possui uma cultura com grande potencial, as ideias que surgem através de uma necessidade, muitas vezes podem se tornar algo além de um simples improviso. Deveria se potencializar o que já existe, porém não há força e visibilidade, é preciso olhar para o que surge não como uma simples gambiarra, mas como algo com potencial.

O talento para o improviso se mostra nas gambiarras de água, luz e internet, além de construções ou desenvolvimento tecnológico. Com a grande proporção que tem tomado, esta cultura vem criando cada vez mais espaços de desenvolvimento de inovação, mas que ainda não se estabeleceram formalmente dentro das favelas.

Ninguém nasce assim detendo um conhecimento específico, pois são nossas experiências ao longo da vida, dentre escola, amigos, família e trabalho, que nos dão as condições para explorar ideias. De desenvolver a curiosidade e o conhecimento, além de colocá-las em prática. A forma como experimentamos o mundo, como nos relacionamos com os outros e com os objetos que nos cercam é que criam, ao longo do tempo, as condições para desenvolvermos uma mentalidade de fazedor.

As discussões, opiniões e questionamentos apresentados neste artigo serviram para exprimir pensamentos, ideias e hipóteses que considero relevantes e pertinentes sobre a forma como o jovem de favela pode produzir uma cultura local e transformar a sua comunidade através dela. Busca também evidenciar a influência que o jovem tem através das mídias sociais nesta era tecnológica, onde o acesso às redes sociais é constante, compartilhando a informação além dos becos e vielas da favela. Esse trabalho se torna uma tentativa de busca de conhecimento a partir de uma nova experiência, em busca de uma resposta que não é absoluta, mas pessoal e transformadora. Para além de uma conclusão, busco desvendar alguns processos de identificação social e cultural do jovem de favela.

Referências

ARAÚJO, T. T. . *Fotoclube auto representação e disputa do simbólico nas favelas cariocas*. 2013

CARRANO, Paulo. *Jovens, Escolas e Cidades: Desafios à autonomia e à convivência*. Revista Teias v. 12 n. 26, 2011.

FACINA, Adriana ; PASSOS, Pâmella . *Consumo, inclusão e segregação: reflexões sobre lan houses e um comentário sobre rolezinhos*. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura , v. 4, p. 22, 2014.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Guia afetivo da periferia / Vinícius Faustini*.- Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.il.-(Tramas urbanas ; 11).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

2. Sites

Culturais, Solos. Disponível em: <<http://www.solosculturais.org.br/cultura-da-favela-e-cidade/>> Acesso em 12 de Agosto de 2015.

O Globo, Cultura. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/panorama-visto-da-ponte-16859484?topico=marcus-faustini>> Acesso em 22 de Julho de 2015.

Fazedores. Disponível em: <<https://fazedores.catracalivre.com.br/cultura-maker/ola-fazedores-e-makers-do-brasil/>> Acesso em 02 de Abril de 2016.